

Uma perspectiva da atividade musical em grupo: musicoterapia social e comunitária*

UNA PERSPECTIVA DE LA ACTIVIDAD MUSICAL EN GRUPO: MUSICOTERAPIA SOCIAL Y COMUNITARIA

A PERSPECTIVE OF THE MUSICAL GROUP ACTIVITY: SOCIAL AND COMMUNITY MUSIC THERAPY

Rosemyriam Cunha**

Cuadernos de Música, Artes Visuales y Artes Escénicas
/ Volumen 11 - Número 2 / julio - diciembre de 2016
/ ISSN 1794-6670/ Bogotá, D.C., Colombia / pp. 239-251

Fecha de aceptación: 3 de marzo de 2015
Fecha de recepción: 1 de enero de 2016
Disponible en línea: 31 de octubre de 2016
doi:10.11144/Javeriana.mavae11-2.upam

* Artículo de reflexión. Texto originado en el proceso de investigación: "Aspectos sociales y culturales intervinientes en la actividad musical en grupo", registrado en el sector de investigaciones de la Universidad Estadual de Paraná– unespar.

** Doctora en Educación por la Universidad Federal de Paraná con posdoctorado por la McGill University. Profesora adjunta de la Universidad Estadual de Paraná– unespar, Campus II de Curitiba – Facultad de Artes de Paraná.



Resumo

Com fins místicos, didáticos ou de performance convencional, grupos em diferentes sociedades expressaram-se por meio dos sons no decorrer da história da humanidade. Atualmente, porém, a expressão da musicalidade extrapolou esses limites para atender demandas sociais e de promoção de saúde. Este artigo apresenta uma perspectiva social da produção musical em grupo, com foco no contexto musicoterapêutico. Foram analisados aspectos sociais, afetivos, cognitivos, culturais e físicos, intrínsecos ao espaço grupal. Eles mostraram que a prática musicoterapêutica sociocomunitária permite um entendimento aprofundado do processo grupal. Essencial para a compreensão das relações intersubjetivas que se deram na comunidade estudada foi a presença do musicoterapeuta, dos participantes e da sonoridade por eles produzida.

Palavras-chave: musicoterapia; música; atividade musical em grupo; perspectiva social da prática musical em grupo

Resumen

Con fines místicos, didácticos o de actuación convencional, grupos en distintas sociedades se han expresado por medio de sonidos a lo largo de la historia de la humanidad. Actualmente, sin embargo, la expresión musical ha extrapolado esos límites para atender las demandas sociales y promover la salud. Este artículo presenta una perspectiva social de la producción musical en grupo enfocada en el contexto musicoterapêutico. Fueron analizados aspectos sociales, afectivos, cognitivos, culturales y físicos, intrínsecos al espacio grupal. Ellos mostraron que la práctica musicoterapêutica sociocomunitaria permite un entendimiento profundo del proceso grupal. Fue esencial para la comprensión de las relaciones intersubjetivas que se dieron en la comunidad estudiada: la presencia del musicoterapeuta, de los participantes y de la sonoridad producida por ellos.

Keywords: musicoterapia; música; actividad musical en grupo; perspectiva social de la práctica musical en grupo

Abstract

Whether with mystic, didactics or traditional interpretation, groups within different societies have expressed themselves through sounds along with history of mankind. Currently, musicality expression went beyond these limits to venture social demands and health promotion. This paper presents a social music production perspective which focus on the Music Therapy context. Social, affective, cognitive, cultural and physical aspects that are intrinsic to the group space were both analysed and revealed the social and community Music Therapy practice as a way to deeply understand group process. Essential for the understanding of inter subjective relations within the studied community were the presence of the music therapist, participants and sounds they produced.

Palavras chave: Music Therapy; collective music-making; social perspective

APRESENTAÇÃO

Desde as manifestações tribais, passando pelos concertos de pequenos grupos e orquestras até os *shows* de bandas a céu aberto, as pessoas se reúnem para tocar, cantar, ouvir música. Atualmente, a formação de grupos musicais ultrapassou o âmbito da prática ritualística, mística, pedagógica, profissional e atingiu as áreas da inserção social e promoção da saúde. A execução musical em grupo se estendeu das salas de concerto ou de aula para ambientes empresariais, hospitalares, asilares e comunitários.

No entanto, integrar um grupo musical significa mais do que tocar em conjunto. Fazer parte de um grupo musical implica na participação de um todo maior (Pavlicevic, 2006, p. 14). Há um consenso de que a prática musical coletiva exerce, sobre as pessoas e suas relações, influências que ultrapassam tanto o aspecto pedagógico quanto o prazer estético. Grupos musicais geram trocas de experiências, propiciam o convívio e a negociação de conflitos. A produção musical em grupos desperta emoções, estimula a criatividade, a tolerância, a disciplina, incrementa níveis de atenção e concentração (Palheiros, 2006, p. 317; Stige, 2002, p. 82), entre outras habilidades.

Este trabalho, ao tomar por fundamento as declarações acima apresentadas, articulou reflexões sobre os elementos que constituem o espaço da execução musical em grupo. De início, relataram-se os caminhos históricos do trabalho terapêutico grupal. Na sequência, discutiram-se algumas características da prática musicoterapêutica sociocomunitária e os elementos constitutivos desse campo de manifestação musical. Por fim, foi apresentada uma análise dos aspectos sociais, culturais, musicais, afetivos, cognitivos e corporais relativos à produção musical em grupo. Procurou-se que a análise abordasse mais do que os resultados da aplicação de técnicas ou a importância da participação das pessoas em uma comunidade de prática musical.¹ O tema de interesse centrou-se nos aspectos intrínsecos à prática musical coletiva.

O espaço multidimensional que se forma quando as pessoas se agregam para executar música ainda carece de estudos. Alguma razão deve haver para que essas pessoas venham e retornem aos encontros e que neles compartilhem diferentes ideias sonoras. Algum motivo deve conduzir os integrantes para que, no aqui e agora do grupo, realizem trocas afetivas, cognitivas, culturais, enfrentem desafios físico-corporais² e também para que eles considerem a agregação musical um núcleo significativo de inserção social. A partir da observação de que o espaço grupal se presentifica na somatória de um conjunto de eventos —sociais, culturais, cognitivos, afetivos, físico-corporais e sonoros—, esses mesmos aspectos foram aqui identificados no contexto da ação musicoterapêutica coletiva. Acredita-se que a compreensão dessa realidade seja fundamental para uma prática consciente e refletida, uma práxis musicoterapêutica. Ao contrário, corre-se o risco do fazer por fazer, ou de uma ação alienada já que “ não é possível pensarmos em práticas musicais completamente neutras” (Ilari, 2007, p. 36).

DOS GRUPOS TERAPÊUTICOS ÀS ATIVIDADES MUSICOTERAPÊUTICAS EM GRUPO

As atividades terapêuticas em grupo vêm sendo uma tendência na atualidade. Porém, a abordagem coletiva de cuidado ou apoio psicoterapêutico, historicamente, tem suas origens nas aulas coletivas de Joseph Pratt nos primórdios do século xx (Zimerman, 1997, p. 23). Para

atingir a cura, o médico reunia uma média de 25 pessoas em tratamento da tuberculose para conversar sobre cuidados clínicos e estimular esperança e confiança no decorrer das intervenções. Esse modelo foi posteriormente adotado na saúde mental em encontros para se compartilhar experiências e ouvir os conselhos de médicos e psicoterapeutas. Na segunda década do século passado, Joseph Moreno denominou por psicoterapia de grupo suas práticas de psicodrama. Na Áustria, Adler formou grupos para o tratamento de jovens e de suas famílias, e na Rússia, terapeutas utilizaram chamaram de terapia coletiva os atendimentos às pessoas com desajustes sociais e transtornos mentais (Bechelli e Santos, 2004, p. 244).

Entre 1930 e 1950, Kurt Lewin, psicólogo social alemão, radicado nos Estados Unidos, desenvolveu estudos sobre o relacionamento humano e a sua aplicação em trabalhos com grupos. Fundamentado na vertente sociológica, Lewin cunhou as expressões: dinâmica de grupo, espaço vital e campo grupal, ao pesquisar a estrutura psicológica das majorias e minorias populacionais. Esse período de desenvolvimento da grupoterapia foi seguido pela consolidação da prática com Bion, Picon-Revière e outros teóricos que enfatizaram a modalidade psicanalítica na terapêutica coletiva (Bechelli e Santos, 2004, p. 245). A partir da Segunda Guerra Mundial, houve uma ênfase na expansão e aceitação do trabalho com grupos, tanto no âmbito da saúde mental como no atendimento a pessoas com diversas condições de saúde.

No Brasil, foram estruturados a partir de 1960, trabalhos fundamentados em recursos da dinâmica de grupo e do psicodrama, conforme dados da Sociedade Brasileira de Dinâmica de Grupo (www.sbdg.org.br). Desde então, iniciativas particulares e públicas passaram a esboçar uma oferta desse tipo de ação em ambulatórios, organizações comunitárias, clínicas, escolas e empresas. Existem, na atualidade, variadas modalidades de práticas de terapia grupal, baseadas em diferentes modelos conceituais, destinadas a pessoas nas mais diversas condições de saúde física, intelectual e social. Outro destaque foi a abertura, nas últimas décadas, do campo profissional da psicoterapia. “Anteriormente, a terapia era uma questão para portas fechadas” (Yalom e Leszcz, 2006, p.178) e era feita pelo psiquiatra, enquanto outros profissionais estavam aptos apenas para a orientação dos pacientes.

A recente união de forças de ações da psiquiatria, da psicologia e da assistência social abriu espaço para que outras profissões pudessem trabalhar no contexto da terapia grupal como enfermeiros, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, terapeutas corporais e arte terapeutas (Yalom e Leszcz, 2006, p. 178). Esse fenômeno foi iniciado logo após a Segunda Guerra Mundial, quando, em virtude da desproporção entre o número de profissionais habilitados e o das pessoas necessitadas de cuidados, houve a ampliação de intervenções com grupos. Frente a essa realidade, as atividades musicoterapêuticas em grupo se intensificaram.

A realização de atividades musicoterapêuticas coletivas em instituições dedicadas ao atendimento populacional cresce e acompanha as tendências da contemporaneidade. Desde os relatos de casos encontrados em fontes primárias como o *Tratado de Musicoterapia* de Tayer Gaston (1968), *O despertar para o outro: Musicoterapia*, de Clarice Moura Costa (1989) e o *Tratado de Musicoterapia* de Clotilde Leinig (1977), para a literatura mais atual, pode-se notar a evolução dessa abordagem na própria construção teórica do campo. Os textos citados, orientados pela visão biomédica que situa o sujeito em relação ao tratamento de sintomas de uma determinada enfermidade, já revelaram o potencial da ação musicoterapêutica em grupo.

Em contrapartida, trabalhos recentes de Marli Chagas (2005), Maria Peixoto e Célia Teixeira (2009), Sofia Dreher (2011), mostraram a inserção de musicoterapeutas na realidade

social em ações voltadas para a promoção da saúde global das pessoas. Essa perspectiva tende a situar os participantes no âmago da dinâmica social em que vivem, no lugar mesmo onde a vida em comum se desenrola. Porém, podem ser citados poucos estudos voltados ao entendimento do espaço grupal, do resultado da trama de ações que ocorrem no ambiente da interação musical. Atualmente, a compreensão mais profunda desse contexto grupal parece ser fundamental.

A AÇÃO MUSICOTERAPÊUTICA DE BASE SOCIAL E COMUNITÁRIA

A ação musicoterapêutica, quando fundamentada na visão social e comunitária, procura entender e acolher o ser humano total, “[...] ponderável, mas não seccionável” (Mauss, 1974, p. 202), que vive inserido na complexidade dos fenômenos sociais. Com o crescendo da atividade profissional musicoterapêutica de base social, desde a última década do século passado, a relação diática musicoterapeuta-cliente se estendeu para um contexto ampliado que abrangeu o ambiente vivencial, cultural e relacional dos participantes. O espaço da interação musicoterapêutica passou, então, para uma dimensão que entende o participante como um sujeito inserido em um meio onde ele cria e recria relações e redes sociais nas quais enraiza sua existência cotidiana.

Esta perspectiva parte do entendimento de que o sujeito é gregário; dessa forma, ele vive inserido em uma determinada dinâmica social e histórica na qual, cotidianamente, realiza sua existência multidimensional. Nesse contexto, a postura do profissional que interage com o grupo, além de considerar os sujeitos como pessoas atuantes na composição de suas existências, se direciona para o fortalecimento das possibilidades de ação dos participantes e para a construção de parcerias com a comunidade. Essa união de forças entre profissionais, participantes, recursos humanos e materiais da comunidade, visa à construção de redes humanas solidárias capazes de apoiar seus membros no âmbito de suas reais competências e demandas.

Estas premissas implicam o entendimento de que as dinâmicas da vida são tramadas por pessoas capazes de direcionar suas ações para a consecução de objetivos considerados importantes para si ou para a coletividade. O apoio profissional deve centrar-se, então, no fortalecimento das competências do grupo de forma que suas metas possam ser concretizadas. Nesse sentido, a interação entre o profissional e a comunidade prioriza a promoção da saúde e do bem-estar, a partir da ação dos participantes no ambiente onde vivem. Nessa perspectiva, as pessoas e seus espaços de convivência estão relacionados, e a vida em comum se desenrola em interações próprias ao contexto cultural.

A abordagem musicoterapêutica de base social e comunitária abrange este ambiente vivencial no qual a cultura, aqui traduzida pelos códigos simbólicos e objetos concretos comuns a um determinado agrupamento social (Ruud, 1998, p. 54), se torna um espaço de encontro (Small, 1997, p. 13). Nesse espaço, musicoterapeuta e grupo agem mediados por elementos que propiciam a atividade musicoterapêutica. Tais elementos são melodias, canções, danças, rimas, ritmos, timbres, gêneros musicais, entre outros que fornecem material para o compartilhamento de ações solidárias nas quais a sonoridade e a musicalidade se presentificam como um agente que elicia e sustenta as relações entre as pessoas.

ESPAÇO GRUPAL: MÚSICA, PARTICIPANTES E MUSICOTERAPEUTA

A possibilidade humana de expressar-se por meio do fazer musical pode ser um indicativo de que o convívio mediado pela prática da música se relaciona à necessidade de realização pessoal (Blacking, 1995, p. 36). Quando a expressão da musicalidade acontece de forma coletiva, abre-se a possibilidade da formação de um espaço de socialização onde a música e a expressão da musicalidade se tornam os elementos agregadores da participação. O engajamento coletivo em processos de expressão musical favorece a apropriação de diferentes formas de fazer e aprender música, além de saberes sociais, afetivos, emocionais e intelectuais (Alfano, 2009, p. 123) que podem ser estendidos para as situações da vida cotidiana.

No espaço da execução musical em grupo, as dimensões sociais, afetivas, culturais e cognitivas são criadas e recriadas. Esse espaço está aqui entendido como o conjunto dos resultados da intervenção humana sobre o ambiente onde acontece a ação (Santos, 2006, p. 77). Ele refere-se, portanto, ao conjunto de ações e reações que se dão em determinado recorte de espaço físico e temporal no qual as pessoas vivenciam e intercambiam sonoridades e melodias que executam naquele momento.

No espaço grupal de âmbito musicoterapêutico, as categorias experiência musical e experiência estética tornam-se fundamentais para a análise das manifestações que ali se desenvolvem. Para Ruud (1998, p. 79), a experiência estética se desencadeia no encontro das pessoas com a sonoridade que resulta da própria ação de fazer música e que provoca sentimentos. É um processo de expressão concreta e tangível de estruturas e ideias musicais que, ao serem vivenciadas, traduzem sentidos e significados específicos de quem se expressa, no contexto de suas relações sociais e convenções culturais. Já Bruscia (2000, p. 113), refere-se à experiência musical como a execução e fruição da música pelos participantes em uma interação viva, humana e permeada pela sonoridade produzida no aqui-agora do grupo.

A junção dessas perspectivas, uma que se refere mais à dinâmica interna individualizada e a outra que ressalta a própria ação de fazer música, humaniza e populariza a execução musical. Também implica a percepção de outras modalidades de produção musical que não só a interpretação feita por estudiosos ou profissionais. Sob o ponto de vista musicoterapêutico, *música* alude às variadas formas de expressão da musicalidade humana: cantarolar, percutir objetos em produção rítmica, experimentar a sonoridade de instrumentos, improvisar ou executar trechos musicais. Os executantes ou intérpretes são pessoas que passaram ou não pelo estudo convencional da música.

Nesta visão, o acolhimento da manifestação sonora espontânea e vívida ou a escuta ampliada que ocorre nos encontros grupais coloca em prática as concepções de experiência estética e musical acima citadas. A experiência musical nesta ótica resulta da capacidade própria do grupo de expressar a sua musicalidade, de fazer soar a sua própria música. A estética reporta-se, aqui, ao produto original e único criado no momento vivenciado pelo grupo que, longe da noção de ensaio e repetição que busca a perfeição, se preocupa com os sentimentos e significados eliciados no momento da ação.

O que importa, neste contexto, é ação espontânea que reflete a expressão sonora possível de cada participante e de cada coletividade. É a expressão coletiva que se dá naquele momento e espaço específico da ação grupal. Essas relações geram a *presença*: da disponibilidade do musicoterapeuta, da manifestação dos participantes e da sonoridade que vibra no momento vivencial. Tal presença se caracteriza por amalgamar pensamentos, emoções,

percepções e vibrações e torna-se, assim, o elemento humanizador das relações que ali se estabelecem.

Os grupos musicoterapêuticos de base social são compostos por pessoas que ficam juntas para compartilhar suas realidades por meio do fazer musical. “Gentes que ficam juntas” para cantar, numa situação que é de todos, na partilha de ações de entoar, tocar, sentir e pensar: são participantes (Zuckerandl, 1976, p. 19). A execução musical permite: a participação no que é do outro, o enfrentamento em conjunto de desafios impostos pela música, a socialização da satisfação em perceber capacidades de ultrapassar dificuldades e limites, e a vivência de sentimentos proporcionados pelas melodias executadas. São grupos que se concentram na sua própria experiência, participantes agindo no aqui-agora da experiência musical.

Neste espaço grupal, a sonoridade produzida será ouvida e percebida como a possibilidade da expressão das pessoas, como o elemento mediador das relações intragrupais que acontecem naquele momento. Como a música é partilhada no grupo, canções, improvisações e ritmos serão veículos do fortalecimento dos laços grupais e ainda material para o estabelecimento da comunicação intersubjetiva. Tantos e quais forem os objetivos do grupo, eles serão alcançados pela via do fazer musical que poderá se modificar no processo, na medida em que os participantes confrontem suas necessidades com suas reais possibilidades de ação.

Por estas razões, trabalhar com grupos exige o conhecimento da dinâmica que se estabelece no decorrer das ações intragrupais. Cabe ao profissional que atua como mediador, a preparação para acolher, apoiar e potencializar o desenvolvimento individual e coletivo dos participantes. O diálogo entre a manifestação sonora dos participantes e a percepção e abordagem técnica do musicoterapeuta, conduzirá o grupo à vivência da experiência estética e da experiência musical de âmbito musicoterapêutico.

Ao musicoterapeuta que atua sob a perspectiva sociocomunitária cabe escutar, analisar e compreender as variadas facetas da existência das pessoas pela perspectiva sonora e musical. Seu interesse estará centrado no entendimento das multirrelações estabelecidas por indivíduos e grupos com o meio ao seu redor, quando estas são intermediadas pelos parâmetros sonoros como ritmos, alturas, intensidades, timbres. Entende-se assim, que o existir humano é afetado pela sonoridade que o envolve e que esta sonoridade também se altera, se modifica por meio da ação humana.

Tais considerações levam a entender que a produção sonora e musical, seja vocal, instrumental, seja corporal é o alicerce do trabalho musicoterapêutico coletivo. Nesse contexto, a produção sonora se enquadra nas visões que colocam o fazer musical no patamar de um agente poderoso da expressividade humana capaz de veicular significados, de manifestar eventos da subjetividade, de revelar fatos objetivos do dia a dia, de denunciar práticas sociais e situações políticas.

DISCUSSÃO SOBRE AS RELAÇÕES INTRÍNSECAS DE UMA VIVÊNCIA MUSICAL COLETIVA

As atuais e intensas demandas por trabalhos em grupo vêm marcando as práticas de acolhimento e cuidado em diferentes espaços. Escolas, empresas, hospitais, clínicas, centros de convivência recorrem às atividades coletivas. Múltiplas razões levam a essa opção de abordagem, entre as quais se destaca o crescimento da população que acorre às instituições e a preocupação com a saúde das relações sociais que se pauperizam na atualidade. Essa neces-

sidade concreta do trabalho em grupo ocasiona a demanda pelo conhecimento das relações interpessoais que acontecem no espaço grupal.

Para analisar a dinâmica dessas relações intragrupais, foi destacado a seguir um episódio acontecido no primeiro semestre de 2012³ no qual se observou a complexidade que compõe o espaço grupal musicoterapêutico. A vivência relatada concentra, em seus detalhes, os aspectos até gora discutidos.

Uma vez por mês reunia-se no auditório da uma instituição de ensino superior pública, uma média de trinta pessoas. O grupo intergeracional era formado por pessoas vindas da comunidade, alunos, professores, e congregava participantes com diferentes níveis de capacidade cognitiva, motora e social. Ali se desenvolvia um projeto de atendimento musicoterapêutico aberto, cujo interesse era a participação espontânea das pessoas. Alguns dos participantes frequentavam semanalmente encontros individualizados no centro de atendimento musicoterapêutico. Para a reunião grupal, eles convidavam cuidadores, amigos, familiares ou companheiros para cantar, tocar e trocar experiências de vida naquele espaço que privilegiava a socialização e a formação de redes solidárias de convívio. No grupo, o fazer musical era o elemento agregador e motivador da reunião das pessoas.

Luiz havia recém-iniciado seu processo individual com uma estagiária no centro de atendimento. Ele aceitou o convite para vir com a esposa participar das atividades coletivas daquele mês. Com quase setenta anos, dificuldade em articular as palavras e lentidão motora global, trouxe uma canção, composição sua, para dividir com o grupo. No bolso, uma gaita de boca. Músico ativo a vida toda, após um episódio de agravo de saúde, perdeu bastante de sua capacidade comunicativa e com ela a habilidade de tocar violão, cantar e ler as notas musicais até de suas próprias criações. A certa altura do encontro, ele foi convidado a executar a peça que havia selecionado para o grupo. Dedilhou no violão, com a mão enrigessida, uma modinha, e sua voz soou pianíssima. Foi apoiado pela estagiária no instrumento e acompanhado pela voz da esposa. A comunidade, naquela ocasião um círculo com mais de vinte pessoas, escutou em silêncio a manifestação sonora que, com visível empenho, marcava a presença daquele participante no espaço grupal. Uma das musicoterapeutas presentes aproveitou os versos simples do refrão para, em eco, inserir a participação dos demais na repetição da canção.

A modinha por ele interpretada, falava de romance e convidava a amada para dançar. Ao perceber que os presentes entoavam junto com ele trechos da melodia, foi nítido o relaxamento muscular de sua face que logo estampou um sorriso. Seus olhos, anteriormente baixos, começaram a explorar o ambiente em busca de parcerias na interpretação da letra cantada. A esposa notou a dinâmica que acontecia naquele momento e sua voz ficou mais vibrante a forte. A estagiária seguia concentrada na estruturação harmônica e melódica. O grupo se uniu ao casal na ação de recuperar aquela canção, de trazer de volta para a coletividade a criação do músico e de acatar a totalidade expressiva que, com tanto esforço, ele concretizava no ambiente grupal. Após a execução, a esposa explicou detalhes da composição e o grupo passou a entoar outras canções e melodias que emergiram do grupo. Observou-se, porém, que, muito discretamente, o músico tirou do bolso a gaita de boca com a qual passou a acompanhar as melodias entoadas na sequência. A esposa buscava com o olhar a cumplicidade da estagiária e sorria com satisfação.

Esta experiência pode parecer comum a qualquer processo musicoterapêutico. No entanto, o apelo deste texto é justamente pela desnaturalização das manifestações acontecidas no espaço grupal. Como já foi dito, participar de um grupo é fazer parte de uma totalida-

de que, se estudada, revela detalhes da complexidade das ações humanas. No breve relato da participação de Luiz, nome fictício aqui atribuído ao músico e compositor, podem-se mapear as relações entre as atitudes observadas. Na dimensão cultural, destaca-se o posicionamento geográfico e interacional apresentado pelo casal: 1- a formação do par marido-esposa; 2- a aceitação espontânea da formação em círculo na qual cada participante escolhia uma cadeira para se acomodar, em geral perto de pessoas referenciais, que para Luiz foram a esposa e a estagiária; 3- o respeito pela hierarquia estabelecida no grupo na qual cada participante aguardava o convite pelo mediador, tanto para sua apresentação pessoal, como para sua manifestação musical; 4- a postura de escuta da manifestação dos outros membros; 5- a construção musical da modinha no âmbito do sistema tonal e do gênero de origem portuguesa; 6- a forma de segurar e executar os instrumentos musicais; 7- o ambiente físico no qual a atividade se desenvolveu.

No aspecto social pôde-se observar: 1- a partilha de sua presença e da esposa com o grupo; 2- a aceitação da companhia da estagiária; 3- o interesse em acolher as expressões verbais e musicais dos outros participantes; 4- a ampliação de seu espaço individual para o grupal com a apresentação de sua composição; 5- a direção de olhar em busca de relacionamento com a comunidade que acolheu sua música e maneira de se colocar no grupo. No âmbito físico corporal, a sua participação destacou-se: 1- pela exposição de sua condição motora ao grupo; 2- no desafio para vencer as limitações impostas pelas sequelas da doença; 3- no visível empenho em permanecer sentado no ambiente e de se adaptar aos instrumentos para interpretar as melodias; 3- na descontração da musculatura facial após perceber que havia conseguido tocar o violão e a gaita.

Os eventos cognitivos foram caracterizados: 1- pela concentração na execução da modinha que ele fez de memória; 2- no pensamento musical necessário para acompanhar as outras canções e melodias que executou na sequência da sua composição; 3- no esforço para recordar-se de palavras adequadas para expressar o que pensava ou sentia no momento; 4- pela audição e interpretação dos códigos verbais e não verbais das colocações que aconteceram no decorrer do encontro. Quanto ao aspecto afetivo e emocional, Luiz 1- sorriu ao receber os aplausos dos participantes; 2- dividiu sorrisos com a esposa e a estagiária quando percebeu que conseguiu tocar os instrumentos no grupo; 3- compartilhou as preferências musicais dos presentes com a execução da gaita de boca; 4- percebeu a reação positiva da esposa e 5- no final do encontro agradeceu a acolhida da comunidade e acenou com a cabeça quando a esposa, sorrindo disse que voltariam no próximo encontro.

As ações de Luiz, embora analisadas de forma individualizada, se concretizaram no espaço grupal no qual os participantes desempenharam um papel fundamental de receber, acolher e responder às iniciativas expressadas pelo músico. Nesse sentido, o grupo foi inserido na desconstrução e reconstrução (Freire, 2005, p. 112) da atividade, pois o cenário de base da experiência musical foi a comunidade. Sem a presença do grupo, é provável que o desenvolvimento dos fatos diferisse da descrição aqui relatada. A vivência sonora modificou o casal, assim como sua manifestação melódica impactou e reposicionou o grupo.

No processo da ação, os múltiplos eventos que compuseram os fatos ali acontecidos se entrelaçaram. Torna-se difícil estudá-los no momento em que são vividos. Mas, para fins didáticos, a cena relatada foi aqui fracionada na tentativa de entender a complexidade, numa linearidade de análise possível apenas no *pós facto*. Sabe-se que a percepção do que é cultural, social, afetivo e emocional e cognitivo é uma questão de ponto de vista associado a uma

vertente teórica e cultural. A perspectiva aqui desenvolvida então, se coloca como uma das muitas possibilidades de visão desses fatos no ambiente musicoterapêutico.

Na perspectiva aqui discutida, pôde-se notar que os elementos culturais comuns a todos os componentes do grupo, tornaram-se a base sobre a qual eles desenvolveram suas ações. Esse código de convenções ofereceu ao grupo possibilidades de agir de forma adequada às expectativas da comunidade, fato que ofereceu segurança e permeou o grupo com a sensação de pertencimento. Pelas vias da vivência cultural os participantes puderam antecipar o que se esperava deles ao mesmo tempo em que percebiam o que queriam e recebiam do outro. Tanto em relação às manifestações musicais, como a construção tonal das melodias; como nas atitudes assumidas, como esperar sua vez para tocar; compartilhar da mesma cultura ofereceu certo conforto e facilidade adaptativa no interior do espaço grupal.

As trocas sociais, que também refletiram convenções culturais de conduta, foram fundamentais para o desencadear das pautas afetivas e emocionais que deram colorido às relações de Luiz com os participantes. A experiência musical foi o agente de base para a vivência afetiva. O fazer musical que foi oferecido e compartilhado com a comunidade permitiu que cada um percebesse os fatos pelo seu ponto de vista. Para o músico, foi um momento de esforço e superação; para os participantes, o tempo de apoiar e vivenciar com o parceiro a conquista de estar no grupo, de tocar e de ser ouvido. Levar a público uma criação própria e recriá-la na coletividade revelou ao grupo a via de duas mãos estabelecida na dinâmica afetiva ali construída: Luiz se alegrou com a parceria que ressoou do grupo e os presentes se beneficiaram com a melodia alegre, com a poesia romântica da canção.

A movimentação cognitiva que permeou a atividade grupal foi desenvolvida no rastro das experiências musicais que exigiram atenção de todos: concentração, ativação da memória, resolução de problemas e elaboração de fatos. Tanto Luiz, como os outros presentes, foram instigados constantemente a pensar nas mensagens que recebiam, a escolher sonoridades e melodias, a relembrar as letras, a gravar nomes de parceiros, a se expressar de acordo com a situação vivida. E, no bojo dessas ações, os participantes estiveram em contato com suas vozes, com as possibilidades de executar instrumentos, com seu posicionamento no espaço e com os desafios de deslocarem-se ritmicamente no espaço, compondo, assim, a aspecto físico e corporal que concretizou visivelmente o encontro musical.

ELABORAÇÕES SOBRE O TEMA

O desenvolvimento dos aspectos acima descritos é comum aos grupos que fazem música, sejam eles de caráter terapêutico ou não. Em sua tese de doutorado, Alfano (2009), como também em pesquisa de pós-doutorado, Cunha e Lorenzino (2012), apresentaram resultados de estudos com grupos formados por músicos amadores e outros compostos por pessoas sem conhecimento formal da música. Nas pesquisas, foram investigados os biproductos ou os aspectos secundários da prática musical coletiva, que são os eventos sociais, culturais, cognitivos, afetivos, físicos, corporais em pauta. As reflexões dos autores revelaram que os componentes dos grupos tinham consciência do processo existencial que acontecia nos ensaios e que esses fatores eram benéficos tanto para o progresso da habilidade musical como para a dimensão de suas vidas pessoais.

Essas evidências levam a pensar que, se tais aspectos são inerentes ao espaço musical grupal, então não são exclusivos aos processos musicoterapêuticos coletivos. Surge

aqui a questão de base: a ação musicoterapêutica coletiva está fundamentada na emergência desses fatores; mas, para caracterizar-se como musical e terapêutica, deve ultrapassá-los. O espaço grupal musicoterapêutico deve ser mais do que o resultado da soma das relações internas a um quadro de convivência. É provável que sua composição seja marcada por algum diferencial que, presente no âmago das interações ali travadas, o distingue.

Este pressuposto indica que a compreensão dos elementos comuns aos grupos que fazem música colabora para o entendimento do ambiente da prática musicoterapêutica. A pretensão aqui foi, então, a de desconstruir a dimensão grupal para reconstruí-la numa totalidade detalhada e mais próxima da realidade das pessoas que dela fazem parte.

No entanto, se é inegável que há diferenças entre bandas, conjuntos musicais e grupos musicais musicoterapêuticos, devem existir diferenças nas relações que constituem os grupos musicoterapêuticos. A começar pela abordagem da música que, como visto, adquire caráter diferenciado no contexto musicoterapêutico. Conforme disse Vygostsky (1999, p. 320), “a música não nos leva diretamente a nada, mas cria tão-somente uma necessidade imensa e vaga de agir”, em um processo contínuo sobre o qual metáforas podem ser construídas, complementar a Even Ruud (1998, p. 40). Entende-se daí que, tanto a experiência musical como a estética, são os componentes fundamentais da ação musicoterapêutica. Por essa ótica, a obra não é nem da música e nem da musicoterapia, mas da ação, das relações, da “presença” que aproxima participantes, sonoridades e musicoterapeuta. A metáfora, a reflexão musicoterapêutica se estabelece a partir dessa ação, a partir da presença incondicional desses três elementos no espaço grupal.

O acolhimento pela comunidade também se destaca. Quando voltada para a recepção de grupos dedicados ao aprimoramento da prática musical, o meio valoriza a música em si e busca proporcionar o fortalecimento do aprendizado musical. Já nos grupos musicoterapêuticos, quando experiência musical e estética se constitui o campo de possibilidades expressivas dos participantes, cabe à comunidade acatar a execução grupal da forma mesma como ela ressoa. O ambiente comunitário, ao receber a manifestação grupal tal como ela se dá, tem o papel de reafirmar e celebrar a ação coletiva, além de prover meios para que ela se desenvolva. Enquanto que os participantes, coletivamente fortalecidos em seus ímpetos de agir e criar, estendem seus próprios limites e suas capacidades de ação (Ruud, 1998, p. 3).

Por fim, a formação dos grupos também adquire matizes que os diferenciam. Quando motivados pelo aprimoramento técnico ou pela profissionalização, a ação dos membros dirige-se para ensaios que visam eliminar erros ou diferenças na interpretação das peças. Nesse caso, os sentidos atribuídos à atividade e aos fatos que integram a ação do grupo orbitam em torno da música em si. Os grupos musicoterapêuticos de base social se direcionam para uma atividade musical que promova mudanças em suas vidas; o encontro entre pessoas que fazem música adquire um significado maior do que a excelência da execução musical. Aqui, a construção de sentidos estende-se para a ação de promoção da saúde física, social, mental e afetiva. O fazer musical impulsiona o grupo para seus próprios objetivos.

Dessa forma, a arte, aqui representada pela música, deixa de ser um elemento restrito a uma seleta plateia ou atributo conferido a pessoas com dons específicos. Ela passa a ser um fator agregado à vida de todos, elemento presente na rotina cotidiana das pessoas que pode ser praticado, dividido e consumido pelo grupo. A música se torna um elemento que pode existir além das quatro paredes da sala de espetáculo ou de terapia. A música vem da vida de cada participante e para ela retorna como uma confissão, uma denúncia, uma declaração,

uma revelação ou um diálogo. Essa arte brota da cultura do grupo, pois pertence a todos ali presentes e que são seus próprios praticantes. Não há executor e ouvinte. O que há é a comunicação, por meio da teia sonora, dos fatos vividos, dos sentimentos sentidos, das possibilidades e impossibilidades humanas. As relações se efetivam na troca de informações, no compartilhamento de experiências musicais e vitais, no encontro comunitário.

Por essa via, contexto do grupo musicoterapêutico de perspectiva social se torna um contexto de práticas musicais e interações sociais colaborativas. No compartilhamento sonoro, rítmico e melódico é que se produzem as redes de apoio, solidariedade e convívio social. Essa rede se constitui de elementos sonoros que, vindos da cotidianidade dos participantes, adentra o espaço grupal e a ele se integra. Essa construção e reconstrução da realidade é que confere o significado do grupo para os seus membros. A prática passa a ser uma via de duas mãos na qual transitam eventos da vida real transformados em manifestação sonora e manifestações sonoras que se tornam parte da vida individual e coletiva daquela comunidade de prática musical. O amálgama de toda essa complexidade são os traços culturais, sociais, cognitivos, afetivos, físicos e corporais que se presentificam nas relações grupais.

A reflexão aqui apresentada mostrou uma possibilidade do estudo dos aspectos sociais, culturais, afetivos, cognitivos e físicos que compõem o espaço da prática musical em grupo no contexto musicoterapêutico. Ao enfatizar a ação musical coletiva, esta análise revelou algumas das potencialidades inerentes à prática musicoterapêutica para a realização de ações sociais e políticas. No caso relatado, essas ações visaram a modificação de pautas vivenciais, a formação de rede de convívio e solidariedade e a promoção de formas positivas de enfrentamento da realidade cotidiana.

A abordagem aqui proposta demanda por estudos mais aprofundados e ampliados. O trabalho musical em grupo é um tema fascinante e, quando no contexto musicoterapêutico, muito ainda pode ser revelado. Espera-se que este artigo instigue outras e diferentes análises dos aspectos intrínsecos à produção musical coletiva.

NOTAS

- 1 Grupo de pessoas que se organizam para a prática musical e que, por meio dessa prática, vivenciam os mesmos recursos históricos, culturais e sociais em atividades para eles significativas e valorizadas, nas quais são criadas histórias pessoais e comunitárias. (Russell, 2002).
- 2 Adotou-se o termo físico-corporal para indicar tanto os gestos e expressões corporais, como as dinâmicas fisiológicas de órgãos que compõem o funcionamento interno do organismo humano.
- 3 Trabalho submetido e aprovado em Comitê de Ética.

REFERÊNCIAS

- Alfano, Christopher. "Seniors' participation in an intergenerational musical learning program." *Tesis doctoral*. McGill University. Montreal: Faculty of Education, 2009.
- Bechelli, Luiz Paulo e Santos, Manoel Atônio. "Psicoterapia de grupo: como surgiu e evoluiu." *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. [En Línea] 2, núm. 12 (2004): 242. <http://www.eerp.usp.br/rlaenf>. (Acesso: 28 de marzo de 2013).
- Blacking, John. *Music, Culture and Experience: selected papers of John Blacking*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- Bruscia, Kenneth. *Definindo Musicoterapia*. 2 ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.
- Costa, Clarice Moura. *O despertar para o outro: Musicoterapia*. São Paulo: Summus, 1989.
- Cunha, Rosemyriam e Lorenzino, Lisa. "The secondary aspects of collective music-making" *Research Studies in Music Education*. Los Angeles, núm. 1-32 (junio de 2012): 73-88.
- Chagas, Marli. "Reflexiones sobre sociedad, riesgo e salud. Que será que me dá." En *Salud, Escucha y Creatividad. Musicoterapia Preventiva e psicosocial*. coord. gral. Patricia Pellizari y Ricardo Rodrigues. Buenos Aires: Ediciones Universidad del Salvador, 2005. 151-158
- Dreher, Sofia C. "A musicoterapia e sua inserção nas políticas públicas—análise de uma experiência." *Revista Brasileira de Musicoterapia*. Curitiba, núm. 11 (2011): 11-36.
- Freire, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 42 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- Gaston, Thayer E. *Tratado de Musicoterapia*. Buenos Aires: Editorial Paidós: 1968.
- Ilari, Beatriz. "Música, identidade e relações humanas em um país mestiço: implicações para a educação musical na América Latina." *Revista da ABEM*, Porto Alegre, núm. 18 (outubro 2007): 35-44.
- Mauss, Marcel. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU, 1974.
- Palheiros, Graça Boal. "Funções e modos de ouvir música de crianças e adolescentes, em diferentes contextos." Em *Em busca da mente musical: ensaios sobre processos cognitivos em música – da percepção à produção*, coord. Beatriz Ilari. Curitiba: UFPR, 2006. 303-352
- Pavlicevic, Mércedès. *Groups in Music*. London: Jessica Kingsley Publishers, 2006.
- Peixoto, Maria M. e Teixeira, Célia Maria S. "Musicoterapia Comunitária - uma proposta de reterritorialização sociocultural da população negra da periferia de Goiânia." Em: *Anais do XIII Simpósio Brasileiro de Musicoterapia*. Curitiba: Griffin, 2009. 210-206.
- Russell, Joan. "Sites of learning: Communities of musical practice in the Fiji Islands." *Focus Areas Report*. Bergen, Norway: International Society of Music Education, 2002.
- Ruud, Even. *Music Therapy: improvisation, communication, and culture*. Gilsum: Barcelona Publishers, 1998.
- Santos, Milton. *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*. 4ªed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- Small, Christopher. *Musicking. The meanings of performance and listening*. Middletown: Wesleyan University Press, 1998.
- Sociedade Brasileira de Dinâmica de Grupo. Disponível em: <http://www.sbdg.org.br>. (Acesso: 06 de maio de 2013).
- Stige, Brynjulf. *Culture-Centered Music Therapy*. Gislum: Barcelona Publishers, 2002.
- Vygotsky, Lev S. *Psicologia da Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- Yalom, Irvin e Leszcz Molyn. *Psicoterapia de grupo: teoria e prática*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- Zimerman, David. *Como trabalhamos com grupos*. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- Zuckerkandl, V. *Man the Musician*. Princeton, EUA: Princeton University Press, 1976.

Cómo citar este artículo:

Cunha, Rosemyriam. "Uma perspectiva da atividade musical em grupo: musicoterapia social e comunitária." *Cuadernos de Música, Artes Visuales y Artes Escénicas*, 11(2), 239-251, 2016.
<http://dx.doi.org/10.11144/Javeriana.mavae11-2.upam>